

ARTIGO**A CULTURA DIGITAL, AS TIC E A RECONFIGURAÇÃO DA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO EM RIO VERDE - GO**

Digital Culture, ICT and the reconfiguration of the relationship between teacher-student in
Rio Verde - Go

La cultura digital, las TIC y la reconfiguración de la relación maestro-alumno en Rio Verde -
GO

Dulcinéia de Oliveira Gomes
Universidade de Rio Verde - Brasil

Antônio Álvaro Soares Zuin
Universidade Federal de São Carlos - Brasil

Resumo

Na sociedade da cultura digital, novos desafios se avizinham, pois os papéis de professores e alunos de todos os níveis de ensino estão sendo cada vez mais reformulados em virtude da mediação constante das chamadas tecnologias de informação e comunicação (TIC) dentro e fora das salas de aula. Diante deste quadro, os autores deste artigo têm como objetivo analisar o modo como as estruturas identitárias dos professores da rede pública municipal de Rio Verde-Go são reconfiguradas por meio da utilização da TIC nas relações estabelecidas com seus alunos durante as atividades de ensino a aprendizagem produzidas nos laboratórios de informática das escolas rio-verdenses. Conclui-se que, em tempos da chamada distração concentrada, torna-se fundamental o papel do professor como mediador de relações conceituais com o objetivo de que o uso das TIC não se limite ao seu aspecto instrumental, mas sim contribua efetivamente para o desenvolvimento do processo formativo.

Palavras-chave: Cultura Digital. TIC. Autoridade do Professor

Abstract

New challenges are coming in the digital culture society, as the roles of teachers and students of all levels of education are being increasingly reformulated due to the constant mediation of so-called information and communication technologies (ICT) inside and outside of the classrooms. Given this situation, the authors of this article have as objective to analyze the way in which the identity structures of the teachers of the municipal public network of Rio Verde-Go are reconfigured through the use of ICT in the relations established with their students during the teaching activities in the computer labs of schools in Rio Verde. It is concluded that, in times of so-called concentrated distraction, the role of the teacher as mediator of conceptual relations becomes fundamental, aiming that the use of ICT is not

limited to its instrumental aspect, but rather contributes effectively to the development of the formative process.

Key-words: Digital Culture. ICT. Teacher's authority

Resumen

En la sociedad de la cultura digital, hay nuevos retos, porque el papel de los profesores y estudiantes de todos los niveles de educación son cada vez reformados debido a la mediación constante de las denominadas tecnologías de la información y la comunicación (TIC) dentro y fuera de las habitaciones clase. Ante esta situación, los autores de este artículo han de analizar cómo las estructuras de identidad de los profesores de la rede municipal de Rio Verde-Go se reconfiguran a través del uso de las TIC en las relaciones con sus estudiantes durante la enseñanza del aprendizaje de actividades producida en los laboratorios de computación de las escuelas rioverdenses. Llegamos a la conclusión de que em tempos de distração concentrada es esencial el papel del profesor como mediador de las relaciones conceptuales con el fin de que el uso de las TIC no se limita a su aspecto instrumental, sino que puede contribuir al desarrollo de proceso de formación.

Palabras clave: Cultura Digital. TIC. Autoridad del profesor

Introdução

A velocidade dos avanços tecnológicos tem provocado transformações econômicas e políticas inauditas, resultando na considerada sociedade da cultura digital. Aproximar a educação escolar ao requerido por tal sociedade se constitui no desafio de todos os brasileiros em geral, e dos educadores, em particular. O enfrentamento do desafio, para estes últimos tornar-se-á viável por meio do estabelecimento dos seguintes objetivos: preparação para “o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional, formação para a cidadania crítica e participativa e formação ética” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2010, p. 118).

Certamente, novos desafios se avizinham, uma vez que os papéis de professores e alunos de todos os níveis de ensino cada vez mais estão sendo reformulados em virtude da mediação constante das chamadas tecnologias de informação e comunicação (TIC) dentro e fora das salas de aula. Pode-se até mesmo asseverar que os alunos do ensino fundamental, por exemplo, já nascem e vivem num contexto permeado pelas TIC, cabendo à escola inclui-la no seu cotidiano, afim de transformar as práticas pedagógicas (MASETTO, 2006; MORAN, 2007), na medida em que se consolidam as práticas de ensino articuladas à participação do aluno.

Com efeito, não se pode negar as benesses presentes no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem, principalmente frente à possibilidade de se obter e trocar informações numa velocidade talvez pensada até bem pouco tempo atrás apenas nos romances de ficção científica. Por meio do uso cada vez mais frequente dos aparelhos eletrônicos, que permitem o acesso às mais variadas redes sociais dentro e fora dos ambientes escolares, professores e alunos têm a oportunidade de, literalmente, se conectar com informações sobre quaisquer tipos de assuntos de forma imediata. Não por caso, os pesquisadores, cujos trabalhos focam cada vez mais os estudos as consequências do uso de tais tecnologias na esfera cognitiva e afetiva dos agentes educacionais, divergem sobre o modo como estão sendo, por assim dizer, reconfiguradas as estruturas identitárias tanto dos professores quanto dos alunos desde o ensino fundamental até o de nível superior.

Diante deste quadro, surgem as inevitáveis questões: 1) O professor ainda pode ser identificado como figura de autoridade na denominada cultura digital?; 2) O contato com as informações obtidas a quaisquer espaços e tempos significa necessariamente que serão produzidos novos conceitos?; 3) A obtenção on-line das informações implica na existência imediata de experiências formativas, numa espécie de relação de causa-efeito?

Frente à atual cultura digital, torna-se imperativa a realização de pesquisas empíricas para que sejam encontradas respostas para tais indagações. Em relação aos dados coletados que serviram de base para as análises que serão a seguir apresentadas, é importante destacar que tais dados foram obtidos por meio da consulta do processo de implementação das TIC junto à Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde e pela aplicação de nove entrevistas semiestruturadas com os professores dinamizadores dos laboratórios de informática. Seguindo esta linha de raciocínio, os autores deste artigo têm como objetivo analisar o modo como as estruturas identitárias dos professores da rede pública municipal de Rio Verde-Go são reconfiguradas por meio da utilização da TIC nas relações estabelecidas com seus alunos durante as atividades de ensino e aprendizagem produzidas nos laboratórios de informática das escolas da rede municipal de ensino de Rio Verde. Primeiramente, é preciso refletir sobre o modo como a própria relação professor-aluno tem sido radicalmente modificada, de forma geral, por meio do uso da TIC no contexto da cultura digital.

A Sociedade da Cultura Digital, as TIC, os Professores e os Alunos

Na sociedade da cultura digital, torna-se imperativo o desejo de se expor midiática e eletronicamente, de tal modo que uma nova ontologia se afirma: a de que ser significa ser

percebido, sobretudo por meio da transmissão de imagens e comentários postados nas redes sociais, tais como o Facebook e o YouTube. Segundo Christoph Türcke:

[...] E da mesma forma como a força integradora do mercado nunca foi somente econômica, nunca decidindo apenas a respeito do trabalho ou desemprego, mas sempre também sobre aceitação ou rejeição, em certo sentido, então, sobre o ser ou não ser, assim também essa pressão ontológica sob condições de uma compulsão generalizada para a emissão adquiriu uma forma estética. Dito inversamente: a estética ganhou um peso ontológico como nunca tivera. Isso também faz parte do esse est percipi (ser é ser percebido – Nota dos autores). Essa frase expressa não apenas a ontologia paradoxal da era microeletrônica, que uma existência sem presença eletrônica é um aqui e agora sem um “aí”, um não ser em um corpo vivo; também aponta para o que isso significa para a fisiologia da percepção. (TÜRCKE, 2010, p.65).

Desta forma, a atual compulsão generalizada para se emitir eletronicamente proporciona à estética, aqui entendida como forma de percepção, um peso inaudito. Pois se, na cultura digital, alguém não se emitir por meio das redes sociais na forma de imagens e comentários é que se se tratasse de um ninguém. Assim, os indivíduos que se encontram marginalizados em relação ao uso dos aparelhos eletrônicos e, portanto, não se emitem eletronicamente são ontologicamente considerados como não existências vivas. A hegemonia desta nova ontologia não se restringe aos indivíduos que necessitam reproduzi-la como condição de confirmação da própria identidade, mas se dissemina para praticamente todas as situações sociais.

Se uma determinada catástrofe que assola um país inteiro, tal como no caso do terremoto que ocorreu no dia 12 de janeiro de 2010 no Haiti, onde mais de 200 mil pessoas morreram, deixar de ocupar um espaço significativo nos noticiários das grandes redes de comunicação é como se ela não mais existisse realmente, apesar do fato de que milhões de pessoas ainda passam necessidades extremas em função do vigente estado de calamidade. Esta tragédia permaneceu no cenário midiático nacional e internacional até o momento em que um novo ferrão audiovisual mais intenso capturou a atenção das pessoas em escala global e assim por diante. Não é de espantar o fato de que a lógica do espanto que predomina na atual forma de exposição da notícia, por meio da mídia como um todo, se fundamenta na intenção de que se um determinado ferrão audiovisual vence a luta titânica que estabelece com outros é porquê se destacou dos demais justamente por exibir níveis de agressividade até então inéditos.

É importante destacar a maneira como a relação professor-aluno também se insere nesta nova ontologia do ser significar ser midiática e eletronicamente percebido. Há poucos

anos atrás, na rede social Orkut foram criadas várias comunidades virtuais a respeito do professor, sendo que a maior delas tinha como objetivo humilhar a figura do educador. De fato, apesar de terem sido observadas comunidades do Orkut cujos partícipes elogiavam ou criticavam determinados professores, a maior parte delas tinha como alvo principal a imagem do professor, sendo que, uma das principais comunidades com milhares de participantes era intitulada da seguinte forma: “Eu odeio professor F.D.P”.

Milhares de alunos descreveram, com seus comentários jocosos, suas respectivas experiências escolares que lhes proporcionaram caracterizar o que entediam como o professor filho da puta. Evidentemente, os comentários mais agressivos capturaram a atenção dos internautas em comparação com aqueles postados por alunos que não utilizaram termos tão aviltantes (ZUIN, 2012). Já em relação ao YouTube, prevalece a mesma lógica de espetacularização, pois os vídeos que são postados por alunos com as imagens mais humilhantes de seus professores, as quais são gravadas por meio do uso de aparelhos celulares nas salas de aula, são as que mais são vistas, conforme atestam os números de visitas que são registrados logo abaixo dos vídeos postados. Aliás, o uso de aparelhos celulares em ambientes escolares foi proibido desde 2008 quando a Câmara Legislativa do Distrito Federal brasileiro aprovou uma lei que proíbe não só a utilização de tais aparelhos nas salas de aula das escolas públicas e privadas, como também o uso de MP3 e MP4 players e videogames.

É interessante observar que a proibição do uso destes aparelhos ocorreu sem que houvesse quaisquer debates entre os educadores a respeito da possibilidade de que fossem pedagogicamente utilizados. Trata-se mesmo de uma questão polêmica, uma vez que vários pesquisadores alertam para o risco do uso de celulares nas salas de aula, sobretudo diante do temor de que os alunos não mais se concentrem nos conteúdos aprendidos no transcorrer das aulas, na medida em que ou conversem entre si por meio de mensagens instantâneas, ou acessem sites cujas informações sejam bem mais sedutoras do que as que se relacionam com as matérias de ensino (CAMPBELL, 2006; GIKAS; GRANT, 2013).

Tal como foi observado na introdução deste artigo, na leitura de autores cujos textos versam sobre o uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) nos ambientes escolares, nota-se como o uso de tais tecnologias se torna cada vez mais presente no cotidiano das relações estabelecidas entre professores e alunos. As atuais transformações das forças produtivas, sobretudo as relacionadas aos atuais desenvolvimentos tecnológicos, determinam modificações profundas tanto nas identidades dos agentes educacionais, quanto na forma como os processos de ensino e aprendizagem se desenvolvem.

Nas sociedades em rede as estruturas identitárias das pessoas estão sendo radicalmente transformadas em função das interconexões entre a tecnologia, a economia e a cultura, as quais estão desafiando, combatendo e impactando umas às outras em escala mundial. (CASTELLS, 2007). E se tais estruturas identitárias das pessoas estão sendo modificadas em função da presença cada vez mais constante dos notebooks, tablets, celulares e outros aparelhos eletrônicos, também a utilização destes nas atividades escolares torna-se atualmente um tema tão relevante quanto polêmico. De fato, o emprego das redes sociais por parte dos alunos e professores para a realização de finalidades pedagógicas engendra controvérsias cada vez mais presentes entre os pesquisadores.

A exemplo do caso dos aparelhos celulares, a própria utilização do Facebook nas atividades concernentes aos processos de ensino e aprendizagem reverbera tal controvérsia. Pois, por um lado, Hew (2011) realizou uma revisão de artigos sobre o uso do Facebook por parte de professores e estudantes e concluiu que os estudantes, em geral, o utilizam muito pouco para fins pedagógicos, uma vez que, na maior parte do tempo, permanecem em comunicação com pessoas conhecidas e expõem perigosamente dados pessoais. Por outro lado, Mazer, Murphy e Simonds (2007) observaram que a exposição de dados pessoais dos professores em seus respectivos perfis no Facebook incrementou o nível do aprendizado entre os estudantes, além de propiciar um clima positivo na sala de aula, como se houvesse uma maior confiança entre professores e alunos que compartilham dados pessoais juntamente com textos e informações das disciplinas em questão.

Diante deste quadro, nota-se como a utilização dos sites das redes sociais pode verter tanto para a hegemonia da dificuldade da concentração se fixar em uma determinada informação, quanto para o estabelecimento de links que podem ser transformados em relações conceituais. Porém, em decorrência do desejo de se expor eletrônica e midiaticamente, como se fosse uma espécie de condição para a confirmação da própria identidade física, tanto professores, quanto os alunos, podem açodadamente não só expor informações comprometedoras de si próprios, como também não se concentrarem nos estudos e no aprendizado dos conceitos que deveriam ser coletivamente discutidos e elaborados por meio do uso das próprias TIC.

De fato, uma das transformações mais significativas da relação professor-aluno mediada pela presença da TIC refere-se à diluição das fronteiras entre as dimensões do público e do privado. Até bem pouco tempo atrás, era um acontecimento muito raro um aluno telefonar para seu professor num final de semana por conta de quaisquer assuntos relacionados às aulas. Só mesmo em situações excepcionais isso poderia acontecer. Já

atualmente, não só os alunos e professores trocam mensagens e conversam entre si por meio do WhatsApp durante os finais de semana, como também os próprios professores utilizam suas contas pessoais do Facebook para anexar textos que serão discutidos e trabalhados nas salas de aula.

Evidentemente, as rupturas de fronteiras entre as dimensões do público e do privado entre professores e alunos fazem parte de um contexto no qual as linhas fronteiriças entre as relações do trabalho e do denominado tempo livre cada vez mais se diluem em função principalmente do desenvolvimento das atuais forças produtivas, notadamente as de caráter tecnológico. Milhares de profissionais das mais variadas áreas de atuação estão perdendo seus direitos trabalhistas em decorrência do fato de que suas jornadas de trabalho são realizadas em suas respectivas moradias, de modo que são cobrados por seus desempenhos muitas vezes a qualquer hora do dia ou da noite. Assim, este processo de terceirização é ideologicamente dissimulado pela propaganda de que, ao trabalhar desta forma, estes profissionais terão todas as benesses de “controlar” o tempo de suas respectivas jornadas, haja vista o fato de que trabalham em suas casas.

Um destes profissionais, ou seja, o professor, cada vez mais se encontra inserido nesta lógica de produção, de tal modo que, em algumas situações, os alunos só acessam o Facebook de seus mestres para obter informações sobre o texto que será discutido na próxima aula se o professor também comunicar-lhes nesta mesma rede social quais são suas preferências em relação ao time de futebol, sua opção religiosa ou mesmo sua comida favorita. Este tipo de aproximação por meios das redes sociais e que tem consequências presenciais inevitáveis está reconfigurado de forma singular tanto a relação professor-aluno, quanto a própria autoridade do professor, sendo que ambas serão objetos de estudo através da análise dos dados que foram coletados no decorrer da realização da pesquisa sobre a reconfiguração da autoridade dos educadores que atuam na rede municipal de educação de Rio Verde-Go e das relações que estabelecem com seus alunos mediadas pelas TIC.

A utilização das TIC nos ambientes escolares: o caso da rede municipal de educação de Rio Verde-Go

Após o MEC ter criado em 1997 o Programa de Informática Educacional (ProInfo), a rede estadual de ensino de Goiás implantou dez Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE) pouco mais de um ano depois do lançamento nacional. Já em Rio Verde, este núcleo foi criado em 2005 (BUENO et al, 2016), com o objetivo de formar professores da rede estadual

para a utilização das TIC, representadas por vídeos, retroprojetores, softwares e aplicativos educacionais, rádios e, principalmente, pela Internet.

Os primeiros quatro professores da rede pública municipal de Rio Verde, qualificados como multiplicadores, ou seja, os professores que iriam disseminar o conhecimento aprendido sobre o uso das TIC, obtiveram sua formação em Goiânia, no ano de 2008. Em seguida, cinquenta deles receberam formação por meio do NTE, da subsecretaria estadual da educação, de Rio Verde. Na ocasião, o número de computadores e material didático do NTE foi insuficiente para atender a demanda de professores, causando prejuízos no processo de formação, de acordo com as afirmações das professoras Sandra Damásio e Liduina Vieira Arantes, responsáveis pelo ProInfo e Núcleo Pedagógico do município, respectivamente.

Das 72 escolas pertencentes ao sistema municipal de Rio Verde, somente dez haviam recebido, em 2008, laboratório de informática, com dez computadores para cada uma delas. Em 2012, o atendimento se estendeu à toda rede, sendo que cada unidade recebeu 18 computadores, fato este que possibilitou o engendramento de um maior equilíbrio na relação entre a quantidade aluno/computador.

Em 2011, a Secretaria Municipal de Educação criou seu próprio núcleo e se responsabilizou pela formação de seu quadro de professores que atuariam nas escolas com a intenção de propagar o uso das TIC nos laboratórios de informática das escolas. Neste momento, os professores multiplicadores passaram a ser denominados dinamizadores. Conforme o projeto, o objetivo seria o de promover o uso das tecnologias da comunicação e informação em toda a rede pública da Educação Básica, especificamente para os anos iniciais do ensino fundamental.

Por meio da análise dos dados coletados nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação, pôde-se notar que houve avanços em relação à aquisição de aparelhos eletrônicos, notadamente computadores, durante o período de 2008 a 2012. Porém tais progressos contrastaram com as deficiências de infraestrutura das escolas, inclusive as de ordem de segurança. Ou seja, atualmente as escolas da rede municipal, em sua grande maioria, ainda apresentam condições infraestruturais inadequadas tanto para as instalações, quanto para o uso das TIC. Para Gentilini (2013) a instalação de equipamentos tecnológicos nas escolas deve ser realizada em espaço definido, onde sejam alocados outros meios de comunicação, como por exemplo, TV, DVD, Data Show, entre outros. Já Alonso destaca a importância do apoio dos diretores e da comunidade escolar para que as TIC possam ser efetivamente incorporadas nas escolas, principalmente na realização de mudanças que não se limitem “ao

âmbito estritamente pedagógico da sala de aula, mas se estendem aos diferentes aspectos envolvidos com a gestão do espaço e tempo escolar”. (ALONSO, 2003, p.116).

Quanto à dimensão formativa, a Secretaria Municipal de Educação engendrou um programa de formação de professores dinamizadores, os quais atuariam nos laboratórios de informática e seriam responsáveis pela mediação entre os alunos e os professores regentes, cujos conteúdos das respectivas disciplinas seriam trabalhados em tais laboratórios.

Mas, as dificuldades maiores quanto à aceitação das TIC desde o início do processo de implementação se relacionaram a uma espécie de desregulação das práticas pedagógicas vigentes no cotidiano dos agentes educacionais, principalmente os professores e alunos.

Inicialmente havia cinquenta professores dinamizadores para atender as setenta e duas unidades escolares, ou seja, um número absolutamente insuficiente frente às demandas das escolas da rede de ensino básico de Rio Verde. Já em 2016, somente vinte e quatro professores dinamizadores estavam em atividade nos laboratórios de informática, sendo que a maioria deste não fazia parte do grupo dos cinquenta professores dinamizadores precursores quando do processo de implementação das TIC nas escolas do município. Além disso, alguns destes professores dinamizadores ainda trabalham como professores regentes no contra turno.

A amostra indica o seguinte perfil dos dinamizadores: 89% pertencem ao sexo feminino, em média com quarenta e nove anos de idade e dezesseis anos de magistério, um tempo considerável de experiência na sala de aula, antes de iniciarem os trabalhos nos laboratórios de informática. Conforme os dados coletados, dos professores que atuam no laboratório de informática 67% também atuam na regência, 22% atendem até três escolas por semana e 78% são regentes e professores de informática na mesma instituição. Quanto à formação dos professores dinamizadores, além da graduação todos possuem curso especialização, contudo nenhuma é voltada para o conhecimento das novas tecnologias. A figura abaixo mostra o curso de licenciatura que os professores dinamizadores possuem:

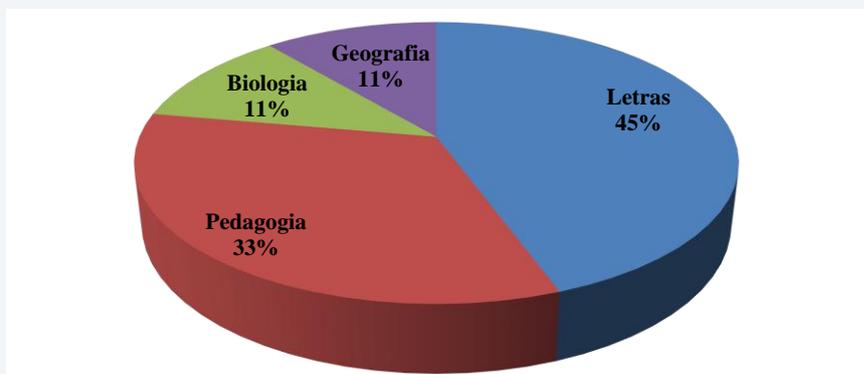


Figura 1. Graduação dos professores dinamizadores

Tal como foi enfatizado na introdução deste artigo, os dados coletados que serviram de base para as análises seguintes foram obtidos por meio da consulta do processo de implementação das TIC junto à Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde e pela aplicação de nove entrevistas semiestruturadas com os professores dinamizadores dos laboratórios de informática. Justamente o processo de interpretação de tais dados possibilitou engendrar três eixos analíticos com o propósito de identificar as características das estruturas identitárias dos professores da rede pública municipal de Rio Verde-Go, as quais são reconfiguradas, por meio da utilização da TIC, nas relações estabelecidas com seus alunos durante as atividades de ensino e aprendizagem produzidas nos laboratórios de informática das escolas rio-verdenses, a saber: 1) A presença da distração concentrada entre os alunos dos laboratórios de informática; 2) A relação entre os professores regentes e os professores dinamizadores e 3) A autoridade do professor confrontada com a denominada autoridade dos aparelhos eletrônicos de comunicação e informação.

1) A presença da distração concentrada entre os alunos dos laboratórios de informática

De certa forma, a polêmica relacionada ao uso das TIC para fins educacionais, exposta anteriormente, se materializa tanto nas dificuldades de implementação dos aparelhos eletrônicos nas escolas da rede municipal de Rio Verde, quanto na dificuldade de se discutir, de forma mais aprofundada, as características de um projeto didático-pedagógico que auxiliaria os agentes educacionais, a saber, os professores das mais variadas disciplinas e os professores dinamizadores, a repensarem suas atividades com os alunos nas práticas desenvolvidas nos laboratórios de informática. A verdade de que houve progressos quanto à aquisição de aparelhos eletrônicos, notadamente computadores, no município de Rio Verde durante o período 2008 a 2012, não pode ofuscar o fato de que não só há problemas de ordem infra-estrutural nas escolas, inclusive a respeito da proteção de tais aparelhos contra possíveis furtos, como também em relação às práticas pedagógicas dos professores das disciplinas, dos professores dinamizadores e dos alunos, práticas essas que são exercidas no transcorrer das atividades desenvolvidas nos laboratórios de informática.

De acordo com a maioria dos professores dinamizadores entrevistados, uma das principais dificuldades observadas no exercício de tais práticas se refere ao necessário esforço de que os agentes educacionais se concentrem conjuntamente nas atividades que exercem durante o processo de ensino e aprendizagem. Este esforço de concentração se torna

imprescindível, sobretudo na sociedade na qual o chamado déficit de atenção não pode ser atribuído exclusivamente às características idiossincráticas de um determinado aluno, mas sim precisa ser identificado como um fenômeno de uma determinada cultura, a cultura do déficit de atenção (TÜRCKE, 2016).

É exatamente nesta sociedade que, diante da torrente contínua de estímulos audiovisuais, torna-se cada vez mais difícil focar a atenção no estudo de um determinado assunto, uma vez que a própria capacidade de concentração é como que pulverizada em decorrência do acesso contínuo das informações contidas nos links dos mais variados sites. E esta dificuldade de concentração pode ser observada tanto em relação aos professores, quanto aos alunos, sendo tal dificuldade foi conceituada por Christoph Türcke da seguinte forma:

[...] De modo fulminante, o choque audiovisual concentra a atenção num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições. O meio de concentração é, propriamente, o meio de decomposição (...) A tela, o grande recheio do tempo livre, penetrou profundamente, por meio do computador, no mundo do trabalho; a coordenação de processos inteiros de produção e administração perpassa por ela, de tal modo que se apresenta como o ensino do futuro. (TÜRCKE, 2010, p.266-267).

Não por acaso, observou-se nas práticas desenvolvidas nos laboratórios de informática que, em muitas ocasiões, os alunos tendem a acessar sites de jogos de super-heróis, principalmente entre os meninos e receitas, sobretudo entre as meninas, ao invés de permanecerem focados em obter informações que poderiam ser úteis para aprofundar os estudos sobre determinado tópico.

Para muitos destes alunos, este é o único contato que têm com computadores, haja vista o fato de que suas famílias de não possuem recursos financeiros que lhes possibilitem adquirir tais aparelhos eletrônicos. Assim, quando eles terminam qualquer tarefa que lhes são colocadas pelos professores, rapidamente utilizam as redes sociais para acessar o que realmente lhes interessa fazendo com que se arrefeça o potencial pedagógico das TIC, as quais poderiam ser utilizadas inclusive para aprimorar a investigação do conteúdo de determinada disciplina. Já em relação aos professores, há relatos de pesquisadores que alertam para o fato de que muitos deles, inclusive nas universidades, acessam suas contas no seus respectivos Facebooks enquanto os alunos praticam algum tipo de atividade, tal como a realização de seminários.

2) A relação entre os professores regentes e os professores dinamizadores

Seguindo esta linha de raciocínio, tanto os professores quanto os alunos precisam se conscientizar da dificuldade cada vez mais constante de focar a atenção nos estudos dos tópicos de cada disciplina, para que possam ter a oportunidade de utilizar os recursos audiovisuais e informacionais das TIC de modo a promover o desenvolvimento do raciocínio crítico de ambos. Para que isso ocorra, é de fundamental relevância o papel exercido pelo professor dinamizador, o mesmo professor que precisa atuar como agente mediador entre professores regentes e alunos, de tal maneira que os auxiliem não só em relação ao ensino das necessárias habilidades operacionais relacionadas ao emprego dos aparelhos eletrônicos, como também a *dinamizar* o foco de atenção de professores e alunos na resolução das atividades feitas nas práticas dos laboratórios de informática.

Estes mesmos laboratórios não podem ser identificados como depósitos de alunos dos professores regentes que habitualmente agendam aulas no laboratório de informática e os entregam aos professores dinamizadores, ao mesmo tempo em que retornam à sala de aula para atender ao restante da classe. Para que isso não aconteça é preciso fomentar a constância de relações dialógicas entre os professores das disciplinas e os professores dinamizadores, com o objetivo de que possam elaborar conjuntamente as características do projeto didático-pedagógico do uso das TIC que lhes são disponibilizadas. Atualmente ocorre exatamente o inverso disto, pois, na maior parte das ocasiões, os professores regentes apenas entregam aos professores dinamizadores o plano da disciplina, cujos conteúdos deverão ser trabalhados nos laboratórios de informática, sendo que os professores dinamizadores via de regra não dominam minimamente tais conteúdos. Mas, se o professor dinamizador tiver condições de dominar os conteúdos de tais planos e elaborar estratégias de ensino em conjunto com os professores regente, há uma possibilidade de que os laboratórios de informática sejam espaços que não sejam limitados ao uso instrumental das TIC, mas sim se transformem em verdadeiros ambientes formativos, justamente porque se tornariam espaços de trabalhos efetivamente colaborativos e interdisciplinares.

Assim, se um professor de história, por exemplo, estiver discutindo com os alunos os horrores da guerra e, subitamente, um professora dinamizadora tiver a ideia de ilustrar as barbáries cometidas por meio do quadro Guernica, de Picasso, eles ou elas não terão que esperar uma semana para que possam ter acesso à imagem de tal obra-prima, mas sim poderão imediatamente acessá-la, por meio das TIC, fazendo com que sejam promovidas novas ideias e conceitos que poderiam ser perdidos caso fosse preciso esperar vários dias até que na próxima aula alguém providenciasse um livro com a imagem de tal quadro.

3) A autoridade do professor confrontada com a denominada autoridade dos aparelhos eletrônicos de comunicação e informação

No artigo intitulado: “Por que os professores não praticam aquilo que acreditam quanto à integração tecnológica”, Chen (2010), afirma que professores tailandeses demonstram grandes dificuldades em incorporar a presença de celulares e tablets nas respectivas aulas, embora acreditem que isso deva acontecer inevitavelmente. Ou seja, a análise dos dados coletados permitiu observar a distância entre o discurso favorável à incorporação das novas tecnologias nas salas de aula e a prática dos professores que participaram da pesquisa. Possivelmente, elementos específicos do contexto desta escola tailandesa estariam determinando tais dificuldades dos professores em incorporar tais tecnologias. Porém, atualmente, muitos professores hesitam em utilizar os recursos tecnológicos dos celulares porque não possuem o conhecimento técnico para tal e temem que os alunos não mais se concentrem no estudo dos conteúdos das disciplinas ministradas. Caso eles permitissem o uso generalizado de tais aparelhos no transcorrer de suas aulas, como poderiam assegurar que os alunos continuariam a prestar atenção em suas explicações?

É interessante observar que um dilema semelhante a este foi destacado por meio das respostas dos professores dinamizadores sobre a resistência de professores regentes em utilizar os laboratórios de informática com o objetivo de usar os recursos da Internet para aperfeiçoarem qualitativamente suas respectivas disciplinas. Certamente muitos destes professores não optam por utilizar os recursos dos aparelhos eletrônicos em função de dificuldades operacionais concernentes ao emprego de *softwares* educacionais, por exemplo. Além disso, estes mesmos professores teriam que, juntamente com os professores dinamizadores, repensar seus procedimentos didáticos com o escopo de relacionar os conteúdos de suas respectivas disciplinas com as formas dos recursos dos *softwares* educacionais.

Mas, para que isso ocorra, o professor-regente precisa se conscientizar da relevância cada vez maior de que ele não pode mais ser identificado, e nem se identificar, como o profissional que detém o poder de controlar completamente o desenvolvimento de todas as etapas dos processos de ensino e aprendizagem. Na cultura digital, os próprios alunos se questionam da seguinte maneira: quais seriam as vantagens de ainda ouvirmos o que os professores têm a nos dizer, se podemos, por meio do uso de nossos celulares, obter imediatamente as respostas para quaisquer questões?

Diante deste quadro, a denominada autoridade de tais aparelhos eletrônicos seria mais importante do que a autoridade do professor? Ora, justamente em tempos da distração concentrada, o papel do professor torna-se fundamental para auxiliar o aluno a focar sua atenção e relacionar as mais variadas informações obtidas na Internet para que possam ser engendrados novos conceitos. Exatamente a realização do papel de mediador de relações conceituais permite fazer com que o professor tenha sua autoridade reconfigurada mediante a realização deste trabalho coletivo com seus alunos. Pois assim, ambos cada vez mais se ensinam e se aprendem como efetivos agentes educacionais.

Conclusão

Na sociedade da cultura digital, torna-se cada vez mais necessária a reconfiguração das identidades dos professores e dos alunos. Na verdade, os professores percebem que necessariamente precisam refletir sobre seus papéis como educadores e, portanto, ressignificar o próprio conceito de autoridade pedagógica na chamada cultura digital (Zuin, 2012). E tal ressignificação precisa ser feita por meio do estabelecimento de relações dialógicas com os alunos sobre o tema estudado também por meio dos recursos das TIC. Para tanto, torna-se de fundamental relevância a figura do professor dinamizador, justamente pela mediação que exerce entre os professores regentes e os alunos. Para além dos necessários conhecimentos concernentes ao domínio das operações dos softwares que são utilizados nas práticas desenvolvidas nos laboratórios de informática, estes agentes precisam auxiliar os alunos a focar sua atenção no estudo das informações obtidas em tais práticas, de tal forma que haja o progresso formativo proveniente da constatação de que professores-regentes, professores dinamizadores e alunos realmente intervieram com suas contribuições para o desenvolvimento de todos.

É preciso, portanto, se comunicar verdadeiramente com os alunos, numa época na qual a comunicação se transforma na palavra de ordem da produção e da reprodução das informações. Tal como foi anteriormente observado, atualmente há várias pesquisas cujos resultados apontam para possíveis benefícios obtidos pelo uso de aparelhos celulares, smartphones e tablets nas salas de aula, sendo que tais benefícios são observados tanto em relação ao desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos, quanto numa maior aproximação entre professores e alunos. Contudo, se tais pesquisas precisam ser necessariamente consideradas, não se pode ignorar o fato de que a pulverização da concentração se torna hegemônica nas relações desenvolvidas entre ambos. Diante deste

quadro, os *links* informacionais que são feitos entre os dados coletados, por meio do uso das TIC, devem superar o momento de ligação para que possam se transformar em efetivas relações, de tal modo que essas relações conceituais forneçam o subsídio propício à formação de novos vínculos pessoais e cognitivos entre professores, professores dinamizadores e alunos.

Referências

ALONSO, Myrtes. A gestão/administração educacional no contexto da atualidade. In. VIEIRA, Alexandre Thomaz et al (Org.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

BUENO, Divino Alves et al. **ProInfo em Goiás: desafios, conquistas e possibilidades**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015048.pdf> Acesso em 15. set. 2016.

CAMPBELL, Scott. Perceptions of mobile phones in college classrooms: ringing, cheating, and classroom polices. **Communication Education**, v. 55, n. 3, p. 280-294, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHEN, Chao Hsiu. Why do teachers not practice what they believe regarding technology integration? **The Journal of Education Research**, 102 (1), 65-75, 2010.

GENTILINI, João Augusto. Computadores, informática e educação: questões sobre a gestão de programas de inclusão digital no Brasil. In. VALLE, Luiza Helena Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de; COSTA, José Wilson da. (Org.) **Inclusão digital: a tecnologia a favor da inclusão**. Porto Alegre: Penso, 2013. p.39 a 57.

GIKAS, Joanne; GRANT, Michael. Mobile computing devices in higher education: Student perspectives on learning with cellphones, smartphones e social media. **Internet and Higher Education**, 19, 18-26, 2013.

HEW, Khe Foon. Students' and teachers' use of Facebook. **Computers in Human Behaviour**, 27, 662-676, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MASETTO, Marcos T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas. São Paulo: Papirus, 2006.

MAZER, Joseph; MURPHY, Richard; SIMONDS, Cheri. I'll see you on "Facebook": The effects of computer-mediated teacher self-disclosure on student motivation, affective learning, and classroom climate. **Communication education**, 56 (1), 1-17, 2007.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papyrus, 2007.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

TÜRCKE, Christoph: **Hiperativos: abaixo a cultura do déficit de atenção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

ZUIN, Antônio Alvaro Soares. **Violência e tabu entre professores e alunos: a Internet e a reconfiguração do elo pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2012.

Ms. Dulcinéia de Oliveira Gomes

Universidade de Rio Verde - Brasil

Coordenadora do PIBID - Pedagogia e participante do Núcleo de Apoio Pedagógico da UniRV e do Núcleo Docente Estruturante do curso de Pedagogia da UniRV

E-mail: dulcineia@unirv.edu.br

Dr. Antônio Álvaro Soares Zuin

Universidade Federal de São Carlos - Brasil

Departamento de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Bolsista Produtividade CNPq 1B

Coordenador do Grupo de Pesquisa: Teoria Crítica e Educação

E-mail: dazu@ufscar.br

Este artigo é resultado do projeto aprovado e financiado pela Pró-Reitoria de Graduação e Pesquisa da UniRV.

Recebido em: 31 de dezembro de 2016

Aprovado em: 18 de janeiro de 2017